

O local - Do desafio de propor uma estufa botânica para Curitiba, reconhecendo que a mesma já possui um pavilhão para este fim e é um ícone importante para a cidade, nasceu a vontade de ressignificar o projeto deste edifício para a população. A região escolhida localiza-se no centro da cidade, onde as áreas verdes estão cada vez mais escassas e o solo degradado. Ao identificar vazios urbanos e lotes subutilizados no centro, é possível fazer conexões dentro do anel central e criar um circuito ecológico caminhável, ligando pontos de interesse como praças, universidades, ruas pedonais e instituições ligadas à preservação da natureza. Para iniciar esse circuito, foram escolhidos seis terrenos que fazem a conexão entre o Passeio Público (parque mais antigo de Curitiba), a Praça Santos Andrade e o Terminal de Ônibus Guadalupe. Todos os terrenos são meios de quadra e subutilizados com estacionamentos térreos em uma região supervalorizada.

O projeto - Ao invés de uma grande estufa em um local distante, a ideia foi de trazer a natureza para o centro da cidade, para mais perto do dia a dia da população, intensificando a necessidade da preservação e proporcionando qualidade de vida e bem estar aos habitantes da cidade, ressaltando a importância da presença de áreas verdes nos centros urbanos.

Separar o programa em vários terrenos nos remete a ideia de se ter pequenos jardins espalhados entre os edifícios do centro, criando ilhas de recuperação do solo, e conseqüentemente aumentando a biodiversidade dentro do conceito de trampolim ecológico. Para se ter sucesso na implantação da estufa, foram escolhidas espécies pioneiras, que sobrevivem em solo degradado e fazem sua recuperação, para assim permitir o estabelecimento de outras espécies vegetais no futuro. Com o intuito de liberar mais área do térreo para as espécies, criou-se um pavimento público no segundo piso, com passarelas para passagem entre as estufas e também para a contemplação das espécies.

O projeto foi dividido em dois trechos, o primeiro, que começa no Passeio Público de Curitiba, possui duas estufas, conectadas por uma passarela acima da rua e chega à Praça Santos Andrade. A primeira, com menor área, é composta pelo Bioma Cerrado e na segunda o Bioma Amazônia, abrigando ainda toda a parte de pesquisa e educação ambiental, com biblioteca, auditório, laboratório e café. O segundo trecho começa na Praça Santos Andrade e termina em um edifício garagem, pensado para atender as vagas de veículos dos visitantes das estufas e também como apoio ao terminal de ônibus. Ao todo são três estufas no segundo trecho que abrigam a vegetação nativa Mata Atlântica. Destes três edifícios, o primeiro possui espaço para feiras de flores

e/ou hortifrut; o central possui uma área fechada para exposições, café, setor de pesquisa e cultivo de mudas; o último tem espaço para coworking e uso de instituições interessadas, como ongs preocupadas com o meio ambiente e empresas parceiras.

Para o **partido estrutural**, foi adotado o sistema de pórticos metálicos de seção “I”, principalmente pela facilidade que a tecnologia do aço proporciona em vencer grandes vãos e altura, e também pelo fato de que o mesmo desenho pode se adaptar às diferentes tipologias de terreno e criar uma unidade volumétrica em todos os edifícios, onde a arquitetura e a estrutura se tornam um único elemento. Os pisos e passarelas são atirantados por cabos de aço e presos nos pórticos para dar maior flexibilidade aos usos do térreo. A vedação da estufa é feita com placas de policarbonato presas à barras rígidas horizontais que ajudam na estabilidade do conjunto de pórticos.

A volumetria simples e marcante proporciona ao centro da cidade um edifício único, capaz de atrair a vida agitada do centro para a calma de uma floresta. Pensada para os que só querem passar por um lugar aconchegante e aos que querem sentar e ler um livro, a estufa se inclui no dia a dia de quem está acostumado com a frenética vida da cidade.